



Negociação...

por Getulio Bittencourt
de Washington

(Continuação da 1ª página)
não o procurou para iniciar um programa com a instituição. O presidente do Banco Mundial (BIRD), Barber Conable, vê "razões para otimismo" na situação do País, mas sente que "falta uma certa coordenação".

Mulford já havia declarado que o País não seria mencionado no comunicado dos sete países ricos, e a reunião do comitê interino e os acontecimentos em Washington estão mais voltados para a Europa do Leste do que para a América Latina. "O que esta reunião é", resumiria o negociador da dívida externa do México, Ángel Gurría, "é sobre o fato de que o superávit e o déficit nas contas internacionais não fecham, e sobre a possibilidade de um colapso no crédito para financiar o desenvolvimento."

Mas Gurría não acha que o Brasil está perdendo tempo, "países não perdem tempo", filosofou. "O que acontece é que, para a adoção de certas políticas de ajuste, é necessário construir um consenso interno, e isso leva mesmo algum tempo. O Brasil já fez um acordo sobre os atrasados e agora vai negociar seu acordo com o FMI e sobre o principal da dívida bancária."

A ministra Zélia chegou a Washington explicando que iria discutir com Camdessus sobre a possibilidade de negociar um acordo com o Fundo. Mas ontem ela foi mais afirmativa, depois da conversa com vários ministros do Grupo dos Sete, e espera concluir um acordo com o Fundo no prazo "mais rápido possível".

Ela antecipa, porém, algumas dificuldades, sobretudo em relação ao nível da inflação brasileira. Zélia entende que existem no momento forças altistas e baixistas sobre o índice, que devem determinar uma taxa entre 5 e 8% ao mês durante os próximos três meses. O recente topo de 9% na inflação, embora alto, é considerado por ela "bom para os padrões brasileiros".

Entre as forças altistas de curto prazo, Zélia menciona o início da entressafra de inverno e os preços de vestuário. Na direção contrária, ela espera colher os primeiros resultados positivos das reformas estruturais na economia, como a abertura do País ao comércio exterior, o início

do programa de estatização e a continuidade de políticas fiscal e monetária apertadas.

Mas um número inflacionário bom para padrões brasileiros pode não ser bom pelos critérios do FMI. Embora a inflação não seja um dos critérios de desempenho fixados por um programa "stand by" do Fundo, seu índice é medido para avaliar o efeito das medidas recomendadas. A ministra insistiria em seus dois discursos perante o comitê interino ontem sobre a necessidade de essas instituições financeiras internacionais fixarem metas realistas para programas de estabilização nos países em desenvolvimento.

Em relação à dívida, tanto a ministra como Eris disseram que ainda não há uma data marcada para a negociação com os bancos, porque o "term sheet" do acordo sobre os juros atrasados ainda não está pronto, e precisa ser ratificado pelos trezentos bancos credores e pelo Congresso brasileiro. Um banqueiro explicou ontem que entre os pequenos detalhes que atrasam a conclusão do documento está a despesa de funcionamento do comitê assessor de bancos, que o Brasil se recusa a pagar, e os banqueiros também.

Eris terá um contato informal amanhã cedo, em Nova York, com o executivo internacional sênior do Citicorp, William Rhodes, e o presidente do comitê assessor de bancos, Robert McCormick, também do Citicorp. O encontro foi marcado por McCormick no avião que, por coincidência, trouxe ambos do Brasil para Nova York na semana passada. "Minha conversa não tem nada a ver com o 'term sheet', garantiu Eris. "Eles pediram para conversar comigo, e eu aceitei, por enquanto é só isso."

A questão dominante nas três rápidas entrevistas coletivas da ministra ontem foi, contudo, a inflação brasileira. Eris falou sobre o assunto cautelosamente, e a ministra foi séria, usou humor e chegou a perder a paciência. Foi séria quando disse que a inflação se estabiliza nos próximos três meses antes de começar a cair. Brincou quando disse que se a inflação não cair, "a gente congela outra vez". E perdeu a paciência quando explicou que não pretende congelar preços e salários de novo, "mas é isso que vocês (jornalistas) querem que eu diga".